



Acta Scientiarum. Human and Social Sciences

ISSN: 1679-7361

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

de Alencar Arnaut de Toledo, César; Henrique Vieira, Paulo
João Calvino (1509-1564) e a educação no século XVI
Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, vol. 28, núm. 2, 2006, pp. 191-199
Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307324782001>

- Cómo citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Información Científica
Red de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal
Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso abierto

João Calvino (1509-1564) e a educação no século XVI

César de Alencar Arnaut de Toledo* e Paulo Henrique Vieira

Departamento de Fundamentos da Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Avenida Colombo 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. *Autor para correspondência. e-mail: caatoledo@uem.br

RESUMO. Além de suas contribuições no campo da fé, os teólogos da Reforma do século XVI incentivaram também a educação popular. A Reforma precisou da educação para divulgar a Palavra de Deus, ensinar o novo catecismo e formar novos pastores para suas igrejas. João Calvino (1509-1564) não fugiu à regra, pois em seu modelo de fé a educação passou a ter um papel fundamental, sem a qual não sobreviveria o Calvinismo. A partir do estudo de sua obra-prima, Instituição da Religião Cristã (*Christianae Religionis Institutio*) de 1536, percebemos que a educação foi um elemento onipresente e implícito em toda obra de Calvino.

Palavras-chave: Calvino, século XVI, Reforma Protestante, religião, educação, Fundamentos da Educação.

ABSTRACT. John Calvin (1509-1564) and education in the 16th century. Besides their contributions to faith, the sixteenth century Reformation theologians also encouraged popular education. The Reformation made use of education to: a) divulge God's word; b) teach the new catechism; and c) train ministers for the churches. This was not different with John Calvin (1509-1564). In his faith model, education had a fundamental role and without it Calvinism would not have survived. According to the study of Calvin's masterpiece (*Christianae Religionis Institutio*), published in 1536, we can realize that education was an omnipresent and implicit element in Calvin's work as a whole.

Key words: Calvin, 16th century, Protestant Reformation, religion, education, Fundaments of Education.

Considerações iniciais

João Calvino (1509-1564) foi um dos grandes teólogos do século XVI e sua obra foi fundamental para o processo de consolidação da Reforma. Sua doutrina, o calvinismo, alcançou diversos países da Europa, levando adiante as idéias centrais da Reforma Protestante, dentre as quais a necessidade da educação geral.

Os séculos XV e XVI foram marcados por inovações no campo das idéias, que modificaram os fundamentos teóricos estabelecidos até então nos campos da política, da economia, da geografia, da cultura e da religião. A invenção de Guttenberg, as grandes navegações, o aumento do comércio e as idéias da Renascença e do Humanismo agitaram os espíritos mais lúcidos, obrigando-os a repensarem seu mundo e suas "verdades", inclusive religiosas. Foi nesse ambiente de instabilidade dos modelos da sociedade feudal, artesanal e Escolástica que a Igreja Católica sofreu suas mais intensas modificações e ataques. Quando Lutero propôs suas teses para o debate público em 1517, Calvino contava com apenas oito anos. Ele surgiu no cenário religioso em um momento posterior aos primeiros confrontos

entre a Igreja e os "hereges" liderados pelo monge alemão. O pensamento Reformado precisava ser organizado em um conjunto racional de teses e argumentos. Em 1536, na sua *Instituição da Religião Cristã* (*Christianae Religionis Institutio*),¹ essa necessária racionalidade foi efetivada e nela Calvino deu mostras de seu profundo conhecimento a respeito dos textos bíblicos e dos antigos Pais da Igreja. O Protestantismo conheceu, por meio dessa obra, seu grande organizador, pois foi Calvino quem, ao sistematizar a teologia Protestante, garantiu-lhe solidez.

É inegável a influência de Calvino no campo da teologia e ele é muito conhecido por todos aqueles que se dedicam aos estudos sobre o cristianismo; no entanto, sua importância não se deteve apenas nesse ponto. Estudos realizados sobre a influência exercida pelo calvinismo afirmam que, além da teologia, sua cosmovisão alterou o pensamento dos homens também na economia, na política e na cultura (Skinner, 1996; Silvestre, 2003; Van Til, 2004; Weber, 2004). O calvinismo pode ser visto como uma poderosa alavanca teórica que contribuiu para o surgimento de uma nova visão de mundo. Nela, as

¹Doravante denominada *Instituição*.

pessoas buscavam glorificar e servir a Deus pelo trabalho diário em suas atividades no mundo. Isso foi interessante para auxiliar as novas forças econômicas que surgiam. O calvinismo se traduziu, por isso, em novas expectativas em relação às autoridades e aos governantes, em uma fundamentação mais democrática do poder político. A possibilidade de resistência aos governantes e àqueles que fossem inimigos da “verdadeira religião”, por parte dos magistrados inferiores, apareceu já na *Instituição* de Calvino e foi desenvolvida mais tarde por calvinistas de outros países. Culturalmente, o calvinismo foi muito abrangente: modificou conceitos e alterou as práticas que vinham sendo defendidas por séculos, como as que se relacionavam ao ascetismo, ao trabalho e à riqueza. Tudo isso foi o resultado de sua teologia, inteiramente baseada na onipotência e soberania de Deus, responsável por governar todos os setores da vida humana e da natureza.

Por isso, perguntamos se esse homem, que extrapolou de tal modo os limites de sua formação intelectual em todas essas áreas, não teria também auxiliado no desenvolvimento da educação ou da pedagogia, em decorrência da sua influência. Tudo nos leva a crer que essa relação existe. Nossa tentativa é buscar elementos teóricos e práticos que justifiquem essa idéia, ou seja, relacionar o Calvinismo com a educação.

Em Calvino, poucas referências são encontradas sobre o assunto da educação, talvez porque, diferentemente de Lutero, não tinha ele apoio das autoridades e precisou enfrentar uma forte oposição em Genebra aos seus programas religiosos e educacionais. Mesmo assim, nas suas *Ordenações Eclesiásticas* (Calvin, 2004) de 1541, a preocupação com a educação já pode ser verificada. Somente em 1559, entretanto, é que se concretizou a grande obra educacional de Calvino: a Academia de Genebra, na qual se formariam os novos pastores para o crescente rebanho que adotava a fé Reformada. É certo que a sua visão de educação estava ligada a uma cosmovisão que pregava a salvação por meio de uma fé sólida nas Escrituras, como forma inevitável de se conhecer a Deus e ao homem. Não se tratava mais da fé em uma Igreja que tomou para si um poder que só o Evangelho possuiria, mas da fé concebida como o poder de intermediação entre o homem e seu criador. O Sacerdócio Universal de todos os crentes, como ficou conhecida, era uma doutrina compartilhada por todos os Reformadores, de Lutero a Zuínglio (1484-1531) (Mainka, 2001), passando por Calvino. Nela o crente ligava-se a Deus não mais intermediado por outros homens (clérigos), mas pela Santa Escritura. Daí a grande importância do ensino popular para

esses homens, pois se tratava de uma necessidade espiritual comum a todos, isto é, o conhecimento dos textos sagrados. Só assim o ideário da Reforma poderia ser expandido.

João Calvino

Filho de Gérard Cauvin, advogado de padres e cônegos, além de secretário do bispo e de Jeanne le Franc, Calvino nasceu em 10 de julho de 1509 em Noyon na Picardia, onde permaneceu até os quatorze anos. Em 1521, recebeu seu primeiro benefício eclesiástico. Foi nomeado para uma das capelas de *La Gesine* e por ela recebia recursos suficientes para seus estudos. Frequentou o educandário para meninos em Noyon até 1523, quando se transferiu para Paris, a fim de prosseguir seus estudos. Calvino chegou a uma Paris já engajada na luta entre os que combatiam ou os que apoiavam as novas idéias vindas de Wittenberg. Iniciou seus estudos no *Collège de la Marche*, onde estudou francês e latim com o famoso professor Mathurin Cordier (1479-1564). Após três anos, transferiu-se para o Collège Montaigu – por onde passara também Erasmo de Roterdão (1466/69-1536) e Rabelais (1483-1553) – e ali estudou teologia, filosofia e gramática. Aos dezoito anos, concluiu o curso e recebeu o grau de mestre. Em 1528, Calvino foi para Orleans, noventa quilômetros ao sul de Paris, para estudar leis com o conceituado jurista Pierre l'Étoile (1480-1537). Em 1532, tornou-se bacharel em Direito (*licencié en lois*). Lá Calvino aprendeu o grego, língua do Novo Testamento, cujos textos pôde ler no original (McKim, 2004).

Calvino havia se familiarizado com as idéias Reformadas através da leitura dos escritos de Lefèvre, Lutero e Zuínglio. Discutia tais assuntos com seu primo Olivétan, quando eram ainda colegas de estudo. Também seu professor de grego Wolmar lhe falava dessas novidades. Ele mesmo, ao ler os originais grego e latino da Bíblia, deparou-se com os temas centrais da Reforma, como a justificação pela fé, por meio unicamente da Palavra. Perseguido por suas idéias, Calvino refugiou-se em Basileia, de onde recebia notícias da França sobre as perseguições. Ninguém podia defender os protestantes, que estavam sem voz para driblar o ódio da coroa e de seu exército, mas um exilado o faria. Daí em diante, Calvino decidiu escrever sua obra-prima: *A Instituição*, endereçada ao rei Francisco I. Originalmente escrita em latim, logo foi traduzida para o francês pelo próprio Calvino, pois era de seu interesse esclarecer e fazer chegar ao povo comum a “verdadeira” palavra de Deus. Esse livro teve o

mérito de ser uma obra mais didática do que propriamente original; nela Calvino sistematizou e ordenou o pensamento protestante disperso em várias correntes luteranas e zuíngianas (Febvre, 1971).

Calvinismo

Benjamin Warfield apresenta um conceito de calvinismo, conceito este também de nossa preferência, definindo-o como:

O Corpo completo de concepções teológicas, éticas, filosóficas, sociais e políticas, que, sob a influência da mente mestra de João Calvino, elevaram-se a si mesmas ao ponto de alcançar domínio em terras protestantes na época posterior à Reforma, e que deixou uma marca permanente não só sobre o pensamento da humanidade, mas também sobre a vida da história dos homens, a ordem social dos povos civilizados, incluindo as organizações políticas dos Estados (Warfield, 1931, p. 353, tradução nossa).

O calvinismo que aqui queremos definir é, sobretudo, aquele que pode ser estudado na *Instituição*. Nesse sentido,

o primeiro princípio do Calvinismo é o reconhecimento da Escritura como a Palavra de Deus. Este foi o princípio formal da Reforma Protestante estabelecida em todos os credos calvinistas e o fim de toda contradição em todos os escritos próprios de Calvino (Van Til, 2004, p. 3).

As Escrituras não eram apenas o caminho seguro para Deus, mas também dotavam o homem da capacidade de interpretar a realidade como um todo e a existência do próprio homem, em particular. Para Calvino, a vontade de Deus era a fonte de toda a existência, que, no entanto, não se confinava aos interesses da Igreja e da salvação da alma, mas se estendia à “[...] esfera social, política, científica, jurídica, estética e moral tanto quanto espiritual” (Van Til, 2004, p. 3). Afirma-se que o calvinismo tem sido designado como uma cosmovisão, “[...] posto que fala significativamente da relação do homem para com Deus, com o homem e com o cosmos” (Van Til, 2004, p. 3).

Calvino, na sua *Instituição*, afirma que o princípio básico do calvinismo é justamente esse soberano e absoluto poder de Deus, “pois dele e por meio dele e para Ele são todas as coisas” (*Instituição*, I, XVI, 1)². Como essa vontade e esse agir no mundo estão assentados na sabedoria infinita de Deus, não é dado ao homem questionar ou querer entender essa vontade:

A religião baseada na soberania de Deus é a religião cujo propósito e interesse se centra em Deus. Tal religião é direta, coloca o homem em uma relação imediata com Deus. É todo abarcadora, que se estende a todas as facetas da vida humana, não meramente à adoração externa e à piedade pessoal (Courthial, 1990, p. 89).

Esse não é um conhecimento especulativo e filosófico de Deus. Para Kuyper, a idéia central do calvinismo é “a convicção de que o todo da vida do homem deve ser vivido como na presença divina” (Kuyper, 2002, p. 34). Porque Deus tem efetivamente o total controle de nossas vidas, como dizia Calvino, Ele “tem todas as coisas em seu poder, controladas por sua sabedoria e (...) absolutamente nada pode acontecer que já não esteja ordenado” (*Instituição* I, XVII, 11). Certamente, é dessa idéia de um Deus todo-poderoso e onisciente que surgiu a teoria da predestinação, um dos pontos marcantes do Calvinismo.

O calvinismo tornou-se um movimento internacional. Na Suíça, as idéias de Calvino foram amplamente aceitas com a promulgação da Segunda Confissão Helvética de 1566. Na França, o crescimento das igrejas reformadas após o primeiro sínodo naquele país, em 1559, foi espetacular.

Os fatos falam por si mesmos: havia somente 5 igrejas organizadas em 1555 (em Paris, Meaux, Angers, Poitiers e Loudun), perto de quatro anos depois, quando se reuniu o Primeiro Sínodo Nacional em Paris, em 1559, havia cerca de cem igrejas; no ano de 1562, que marca o início das guerras religiosas, o número de igrejas chegou a 2.150 (Courthial, 1990, p. 89).

Na Alemanha, o Catecismo de Heidelberg, organizado por Zacarias Ursinus e Gaspar Olevianus, em 1563, se não serviu para expandir o calvinismo naquele país além dos seus modestos números, foi, no entanto, uma valorosa contribuição para o calvinismo nos Países-Baixos. Desde a execução de Patrick Hamilton, em 1528, os pontos de vista protestantes se disseminaram na Escócia. John Knox transportou para lá a doutrina calvinista e o sistema organizacional eclesiástico estabelecido na Igreja de Genebra, que caracterizou esse movimento como Presbiterianismo na Escócia, e Puritanismo na Inglaterra.

Reforma e educação

Foi durante a Reforma Protestante, afirmam Abbagnano e Visalberghi, que nasceu a moderna educação européia, que vigorou até quase os nossos dias. A afirmação do princípio da instrução universal; a formação de escolas populares destinadas às classes pobres, diferentemente das

²Para as referências relativas à *Instituição da Religião Cristã*, convencionaremos indicar, respectivamente, conforme costume acadêmico, o volume, o capítulo e, por último, o item. Ex: vol. I, capítulo XVI, item 1.

escolas clássicas, para os ricos; um controle quase total por parte das autoridades civis sobre a educação e um crescente caráter racional da educação nos diversos países são as razões pelas quais devemos buscar compreender a sua gênese, que surge na Reforma religiosa do século XVI (Abbagnano e Visalberghi, 2001).

A partir das novas idéias surgidas com o Humanismo e com a Reforma, a antiga escola medieval precisou ser reformulada: “[...] nenhuma das outras instituições do tempo mostrou uma reação mais imediata e decisiva ao movimento reformista” (Eby, 1976, p. 54) do que as escolas, desde os níveis mais básicos até o universitário. Para Frederick Eby, isso se deveu primeiramente aos ataques feitos pelos mestres humanistas, especialmente Lutero, que condenou os mosteiros e acusou a razão humana de ser a “amante do demônio”. No entanto, lembra Eby, mesmo antes dessa época o descrédito e a aversão popular já haviam atingido os mosteiros e as escolas eclesiásticas porque seu ensino era ineficiente, pelo menos na avaliação de Lutero:

Afinal, que se aprendeu até agora nas universidades e conventos a não ser tornar-se burro, toco e estúpido? Houve quem estudasse vinte, quarenta anos e não sabe nem latim nem alemão (Lutero, 1995, p. 306).

Outra causa seria a expectativa popular em relação aos resultados da escola. O saber passou a ter uma relação direta com o orgulho e a trapaça, gerando “um intenso ódio por todo o ensino superior e homens cultos” (Eby, 1976, p. 56). Os homens do povo não queriam uma intelectualidade que, ao invés de aproximá-los, os afastassem de Deus, sobretudo depois que tiveram acesso às Escrituras no vernáculo para ensiná-los como viver uma vida boa; desse modo, não viam necessidade do ensino nas escolas (Arnaut De Toledo, 1999).

Outra razão para o declínio do ensino nesse período foi o fato de ele não mais garantir aos seus educandos um meio seguro de subsistência, já que a Igreja, o maior empregador ou, pelo menos, o mais desejado deles – por garantir a ascensão social para aqueles que ingressavam nos seus quadros funcionais – estava sofrendo fortes ataques e, em muitos lugares, como a Saxônia, foi efetivamente derrotada:

A derrota da Igreja Romana, assim como de todos os mosteiros e instituições eclesiásticas, lançou a civilização germânica numa desordem selvagem. Todas as profissões, os meios de vida e as atividades dentro da ordem eclesiástica foram ameaçados de extinção (Eby, 1976, p. 56).

Antes da Reforma, bispados, paróquias e outros benefícios eclesiásticos eram abundantes, permitindo a ricos e pobres se candidatarem a eles, embora geralmente os pobres entrassem para os mosteiros e os ricos e ambiciosos ingressassem nos serviços seculares da Igreja. Além disso, nos locais em que a Reforma prosperou, a caridade que fornecia sustento a estudantes pobres foi enfraquecida pela tese defendida pelos próprios Reformadores de que as boas obras eram inúteis à salvação:

Em conseqüência, o novo movimento secou em sua origem a corrente de caridade que nutria incontáveis instituições e organizações de benevolência cristã e tinha fornecido meios de vida a inúmeros eruditos (Eby, 1976, p. 57).

Lutero condenou essa prática porque, segundo ele, visava somente à barriga.

Sim, porque o povo carnal se dá conta de que não pode mais colocar os filhos, as filhas e os parentes em conventos e fundações, e que já não pode mais expulsá-los de casa e deixar que vivam às expensas de estranhos; por isso ninguém mais quer proporcionar ensino e estudo aos filhos. Pois é, dizem eles, que haverão de estudar se não podem tornar-se padres, monges e freiras? Que aprendam algum ofício com que possam sustentar-se (Lutero, 1995, p. 303-304).

Lutero criticou os pais que buscavam apenas o bem-estar material. Eles alegavam que, sob a nova ordem, não havia ainda a certeza de que o ofício de pastor garantiria a subsistência, tal como era garantida pela Igreja à sua grei. Eles se recusavam a mandar seus filhos para a escola, para aprender uma profissão tão incerta como passou a ser a teologia.

Como conseqüência da falta de garantia de futuras atividades profissionais e meios de subsistência, “[...] os pais perderam todo o incentivo para educar seus filhos” (Eby, 1976, p. 57). A civilização sofria não apenas com a incerteza em relação aos novos paradigmas religiosos que surgiram após 1517, mas ela atingia todos os aspectos sociais: econômicos, políticos, culturais e, é claro, educacionais. A retomada do processo de reajustamento educacional nas regiões onde a Reforma se instalou majoritariamente só se deu após as intensas e intermináveis disputas teológicas, que, mais tarde, cederam espaço à tolerância, de modo mais generalizado.

Os efeitos da Reforma sobre a educação foram mais indiretos do que diretos, certamente porque o objetivo primordial e inadiável dos reformadores era acabar com a ignorância, considerada o grande mal para a verdadeira religião. Ainda que considerassem que o bom cristão deveria ser também um bom cidadão, agindo no mundo, cumprindo suas leis e

obedecendo às autoridades, “A idéia da formação do cidadão está incluída em seus pontos de vista e, por conseguinte, também a de uma educação para todos” (Gal, 1987, p. 63). A importância da Reforma, na área educacional, não se limitou ao norte da Europa, sob a influência de Lutero. O sul também se beneficiou das reformas educacionais promovidas pela Igreja, sobretudo com os jesuítas, precursores da moderna pedagogia, como resposta ao crescimento dos dissidentes da Igreja Católica. A Reforma teve para a educação uma importância decisiva, quando lutou para promover a instrução universal, mesmo que por uma necessidade religiosa (Abbagnano e Visalberghi, 2001).

Calvino e a educação

Calvino via no homem um ser que aprende inerentemente e, em razão disso, acreditava que “[...] qualquer homem podia aprender, desde o mais simples camponês ao indivíduo mais instruído nas artes liberais” (Campos, 2000, p. 46). Ele exerceu grande influência na cultura de sua época. Deu ao crente uma completa explicação do mundo e do homem, desenvolvida com base em seu forte teísmo. O conhecimento era a maior necessidade humana e Deus, seu principal objeto de estudo e busca. Dessa matriz, partiremos para as observações referentes à educação em Calvino, pois ela exerce um papel fundamental dentro do seu esquema religioso.

Educar o homem é dar-lhe a chance de se encontrar com Deus por meio do conhecimento confirmado pelo Espírito Santo. O papel da educação, para Calvino, se alia perfeitamente à etimologia da própria palavra Educação: do latim *educere*, que significa tirar de dentro para fora, ou seja, desenvolver as potencialidades internas do homem. Não só a capacidade de aprender, mas também de criar, é inerente ao homem: “[...] assim, de mui excelente razão nos compele a confessar que o princípio lhe é ingênito no entendimento humano” (*Instituição*, II, II, 14). O objetivo central da educação é mostrar ao homem, através do estudo dos textos sagrados, sua essência divina e sua relação com Deus. Antes da queda, o homem refletia a imagem de Deus. Criador e criatura, pai e filho se identificavam. A compreensão da natureza humana possibilitava também o conhecimento de Deus. Sua expulsão do paraíso em função do pecado impossibilitou ao homem conhecer a Deus e a si mesmo, porquanto já não podia olhar para dentro de si e reconhecer qualquer semelhança com seu criador.

Para Calvino, educar era tirar de si esse conhecimento que dormitava na alma humana e que foi obscurecido pelo pecado. Calvino também

acreditava na restauração da condição divina do homem, perdida com a queda de Adão, não diretamente pelo próprio esforço, mas pela graça de Deus. A educação, na perspectiva calvinista, é um instrumento auxiliador para sua iluminação. As Escrituras revelam aquilo que é necessário ao homem conhecer sobre o criador e a natureza. Por isso, quando se fala em educação, para Calvino, fala-se de uma educação voltada para resgatar na alma sua essência divina; ela serve, de certa forma, para auxiliar a “despertar”, no homem, a sua verdadeira natureza. Isso o conduzirá à prática da piedade e ao temor sincero a Deus.

Esse despertar, ou esse “tirar para fora”, não será feito de maneira direta pela razão humana, debruçada sobre seu eu, mas de modo indireto, ou seja, aprofundando-se no conhecimento dos textos sagrados e na confirmação dessas verdades pelo Espírito Santo. Com isso, o homem terá novamente a possibilidade de refletir-se como imagem e semelhança de Deus. Calvino queria resgatar a verdadeira natureza humana denegrida e maculada pelos erros de Adão, para que Deus fosse nela glorificado: este era o seu objetivo educacional.

Segundo a visão de Calvino, todo homem, criado à imagem e semelhança de Deus, tem embutido em si a ‘semente da religião’, muito ligada à aquisição do conhecimento. De acordo com as Institutas, em princípio, todos são capazes de aprender qualquer coisa, religiosa ou não, independente das diferenças econômicas, sociais, religiosas, etc. Acontece que o homem só chega ao conhecimento se antes se confrontar com o conhecimento de Deus, que o conscientiza da sua limitação e necessidade de estudo. A tarefa do educador é desenvolver as faculdades humanas de forma equilibrada, com vistas à restauração da imagem de Deus através da obra redentora de Cristo e regeneradora do Espírito Santo (Greggersen, 2004, p. 12).

Essa idéia está explícita na *Instituição*, quando Calvino escreve que

nenhuma casa, afinal, tenha havido que haja podido prescindir da religião, há nisto uma como que tácita confissão de que no coração de todos jaz gravado o senso da divindade (*Instituição*, I, III, 1).

Com esta redenção esperada pelo verdadeiro conhecimento que a Palavra e o Espírito proporcionam ao homem, também toda a sociedade se transformará:

De onde concluímos que não é matéria que se haja primeiro de aprender nas escolas, mas de que desde o ventre cada um é mestre a si próprio e de que não sofre a própria natureza alguém se esqueça, inda que,

com todas as forças, muitos isso intentem (*Instituição*, I, III, 3).

O homem redimido construirá um mundo verdadeiramente cristão em todos os seus domínios, de saber e de ação. Calvino não escreveu textos que pudessem ser diretamente relacionados com a educação, como fez Lutero ou Melancton. A questão da educação em Calvino emerge de sua proposta teológica para o homem, que, se devidamente instruído, poderia ser iluminado pelo Espírito Santo. Por isso, afirma Greggersen:

A implicação mais óbvia e menos vista e praticada entre educadores cristãos é que, se para Calvino o conhecimento de Deus é a razão de ser do homem, então todas as pessoas que se dizem cristãs reformadas deveriam espontaneamente priorizar a educação. [...] Não se trata de uma educação qualquer, e, sim, de uma educação holística, ou seja, transformadora, vivencial, humana, coerente com as Escrituras, aberta para a revelação do Espírito de Deus e voltada para sua glorificação (Greggersen, 2003, p. 81).

Essa iluminação, ou essa confirmação das verdades do Eterno, não podia ser feita para a alma ignorante ou desviada da Palavra. Por isso, a educação era uma preocupação constante para Calvino, tanto quanto era para os outros Reformadores. Para Gabriele Greggersen, a maior contribuição de Calvino para a educação se deu em um âmbito maior que a própria eclesiologia de Calvino.

[...] pois ele inaugurou uma nova maneira de pensar não apenas as coisas de Deus, pelo que certamente ele revolucionou toda a sociedade, mas todas as coisas que há no mundo. A partir dele o sistema de ensino passou a ser não apenas público e gratuito, mas também compulsório, em Genebra (Greggersen, 2003, p. 63).

A sua principal obra é, em si mesma, um enorme tratado pedagógico do cristianismo. A *Instituição da Religião Cristã* foi o resultado dos esforços de Calvino em reunir, de forma clara e didática, todo o pensamento protestante. O termo *Institutio*, que, em latim, significa instrução, ensino ou educação, mostra o alcance dessa obra para o pensamento Reformado e as intenções pedagógicas de Calvino. Para ele, o crente compreenderá mais facilmente a Bíblia, manuseando suas páginas. Embora ela contenha a doutrina perfeita, existem pessoas que necessitam de

[...] certa orientação e ajuda, para saber que deva nela buscar a fim de não vagar incerto, ao contrário, alcance rota segura que lhe faculte atingir sempre o fim a que convoca o Santo Espírito (*Instituição*, I, p. 49).

O próprio Calvino considerava sua obra um “compêndio de instrução” que ensinava a verdadeira doutrina (*Instituição*, I, p. 13). Seu intento era

[...] ensinar certos rudimentos, mercê dos quais fossem instruídos para com a verdadeira piedade quantos são atingidos de algum zelo de religião (*Instituição*, I, p. 13).

Calvino percebia que a carência de conhecimento que o povo francês experimentava era, sobretudo, uma carência espiritual e precisava ser eliminada. A *Instituição* foi escrita primordialmente em latim, para que fosse disseminada em todos os países. Logo em seguida, ele mesmo a traduziu para o francês. A forma simples com que esta obra foi redigida e a tradução para o vernáculo, demonstram sua intenção em atingir a todos os fiéis:

Que esta me foi a intenção proposta, di-lo o próprio livro, composto que o é em uma forma de ensinar simples e, dir-se-á, chã (*Instituição*, I, p. 13).

É uma obra que impressiona não apenas pelo seu monumental conteúdo, mas também, como destaca seu autor, porque ela se coloca de maneira fácil e acessível a todos. Sua *Instituição* é, na verdade, um manual para compreender as Escrituras. É na Palavra de Deus revelada pela Bíblia que se agrega todo o conhecimento humano acerca de Deus e de Sua obra. Nela está encerrado o limite do nosso conhecimento sobre as coisas celestes:

Portanto, um profundo conhecimento da Bíblia é o fundamento para qualquer programa de educação. Esse conhecimento não deve ser apenas factual em seu conteúdo, mas redentor em seus propósitos (Singer, 1974, p. 56, tradução nossa).

Para Calvino, a Bíblia é superior a qualquer produção humana.

Lê a Demóstenes ou a Cícero, lê a Platão, a Aristóteles, ou a qualquer outros desse plantel: em admirável grau, reconheço-o, atrair-te-ão, comover-te-ão, arrebatar-te-ão. Contudo, se a esta sagrada leitura daí te transportas, queiras ou não, tão vividamente te afetará, a tal ponto te penetrará o coração, de tal modo se te fixará na medula, que, ante a força deste sentir, quase se desvanece aquela impressividade dos retóricos e filósofos, de sorte que é fácil perceber que as Sagradas Escrituras, que em tão ampla escala superam a todos os dotes e graças da humana indústria, respiram um quê de divino (*Instituição*, I, VIII, 1).

O domínio dos Textos Sagrados era o conhecimento indiscutivelmente mais apreciado por Calvino, pois neles é que Deus se revelava de modo especial. Por outro lado, o conhecimento da

natureza também precisava ser adquirido, já que, por meio dela, Deus se revelava a todos indistintamente. Singer chama a isso de revelação geral, para distingui-la da revelação especial que a Bíblia encerra. Por isso, acreditava Calvino, não fosse a obtusidade humana em reconhecer Deus nas suas obras, não haveria necessidade das Escrituras. Singer ainda enumera as ciências sociais, a física, as ciências biológicas, a literatura, as línguas e até a psicologia como campos legítimos e necessários para a atividade intelectual do homem, criado à imagem e semelhança de Deus (Singer, 1974, p. 57). O homem precisa conhecer a si mesmo como indivíduo integrante da obra divina. Na verdade, precisa conhecer,

[...] seu papel como um indivíduo na sociedade, e o mundo natural do qual ele faz parte. Reconhecendo que toda verdade vem de Deus, Calvino insistia que é direito e dever do cristão procurar o saber e adquirir, tanto quanto possível, o conhecimento das várias esferas da revelação geral (Singer, 1974, p. 57, tradução nossa).

Para Calvino, a educação não é um fim em si mesma; ela é uma ferramenta imprescindível e útil à sua teologia. A educação é, pois, a base para o conhecimento da verdade que liberta. Não é possível criar uma comunidade verdadeiramente cristã que siga os preceitos expostos na Bíblia, que se dedique cada qual à sua vocação, se não houver conhecimento correto de Deus e de Seus propósitos para o mundo.

Não há, para Calvino, uma separação entre o ensino, quer seja de ciência, língua e história, e o ensino religioso, porque todo ensino visa o aperfeiçoamento do homem para a sua vocação, e essa vocação ou chamado divino tem por fim o cumprimento de um papel na sociedade na qual o indivíduo se realiza, pois, além das bênçãos que recebe para si na vida cotidiana, atinge o mais alto propósito da existência humana – a Glória de Deus (Ferreira, 1990, p. 184).

George Denny aponta algumas razões que podem ser apresentadas como determinantes para a afirmação de que Calvino foi um homem que lutou para levar a educação ao povo comum. O primeiro fator que merece ser destacado, segundo ele, é que o sistema de doutrina formulada por Calvino constitui um poderoso fator no progresso educacional. Para ele, nenhum sistema teológico envolvia a necessidade lógica da disciplina mental ou insistia tanto na difusão do conhecimento quanto o Calvinismo. Calvino reafirmava o espírito da teologia paulina, que não confinava a religião ao sentimento ou à vontade (Denny, 1909, p. 150). A tese de São Paulo insistia que o homem devia amar a

Deus não apenas de todo seu coração, mas também com toda sua inteligência. Calvino sabia que o sucesso de sua doutrina não dependia somente de conhecimento daqueles que a divulgavam, mas também da inteligência da grande massa que a ouvia e a aceitava. O sistema doutrinal de Calvino tem sido “[...] um poderoso instrumento de disciplina intelectual, requisitando toda literatura, toda ciência e toda filosofia” (Denny, 1909, p. 151, tradução nossa). O calvinismo exigia a educação das massas e onde quer que ele tenha surgido

[...] tem sido um adversário da ignorância popular e onde quer que tenha ido, incentivou e inspirou o progresso intelectual (Denny, 1909, p. 152, tradução nossa).

A segunda razão que teria contribuído com a educação foi o sistema de governo da Igreja pensado por Calvino, com seu modelo presbiteriano. O modelo calvinista, muito mais participativo e quase democrático, exigia um corpo de fiéis bem preparados para as tarefas realizadas dentro da Igreja, e isso “[...] exerceu uma extraordinária influência na expansão da inteligência popular e na educação universal” (Denny, 1909, p. 152, tradução nossa). Pensava-se em uma república espiritual em que cada um exercesse seu papel e sua vocação.

O terceiro motivo que o autor aponta é a maneira com que é realizado o culto e o sistema de instrução religiosa que Calvino estabeleceu:

A ênfase no caráter didático do culto da igreja e no método catequético de instrução religiosa característicos do esquema calvinista, foi fator notável no desenvolvimento de uma fé firme e inteligente (Denny, 1909, p. 154, tradução nossa).

O método catequético criava uma disciplina mental como resultado desse processo de instrução. Não menos importante é o elemento didático presente no culto da igreja, marcado pela máxima simplicidade. O que se exigia era que, um homem piedoso e erudito, conhecedor dos textos bíblicos realizasse o culto. Calvino acreditava que a pregação feita por pessoas capacitadas, bem como uma população esclarecida pelo treinamento escolar em línguas e humanidades, constituíam a conjugação perfeita que despertaria a consciência humana e transformaria a sociedade.

O caráter ou a qualidade desse treinamento é apontado como o quarto fator propulsor da educação. Quando o calvinismo proclama que não há nada na natureza ou na vida humana que não mereça investigação científica, está ampliando com isso o estudo e o conhecimento a todos os campos do saber. Para Calvino, não existia conflito entre

ciência e religião; tudo fazia parte do mundo criado por Deus e devia ser conhecido. Obviamente todas essas razões são conseqüências de sua principal preocupação, ou seja, de que o treinamento moral e espiritual do homem precede qualquer outro ensinamento porque toda verdadeira educação visa, antes de tudo, desenvolver a alma humana. O modo de vida preconizado por Calvino requeria, portanto, um bom nível educacional.

Conduzir a criança para a vida cristã e, portanto, para a glória de Deus constitui o principal objetivo da educação. Qual era o seu conteúdo? Calvino aponta para o conhecimento duas linhas, como vimos anteriormente: o conhecimento de Deus e o conhecimento do homem. Nenhum de nós, dizia Calvino, podia chegar ao verdadeiro conhecimento de si mesmo sem antes haver contemplado Deus. Os métodos para se educar o homem, que Coetzée chama de métodos gerais de educação porque podem ser usados pelo próprio homem, são: a fé pessoal, a negação de si mesmo, a oração, a meditação, as boas obras e a perseverança. Sem esses elementos, dificilmente a educação logrará êxito na transformação da vida do homem. Já os métodos especiais, utilizados no colégio ou no ginásio, podem ser assim enumerados: o ensino da gramática, memorizar, recitar, repassar e, nas classes mais adiantadas, debater, falar em público, escrever ensaios de temas prescritos (Coetzée, 1973). A disciplina ocupa um papel importante na teoria educacional de Calvino; nela

as crianças têm que obedecer a seus pais, a seus mestres e a todos os outros homens com autoridade sobre elas (Coetzée, 1973, p. 224, tradução nossa).

Sobre a questão da organização das escolas, basta olharmos para o colégio, pois nele se estabeleceu uma organização detalhada, mediante a divisão em sete classes, cada uma subdividida em grupos de dez alunos. No colégio, cada professor cuidava de uma turma e tinha deveres claramente definidos:

Um detalhado horário se estabelecia para cada dia da semana, incluídos os domingos. Para cada classe separada, se preparava um sumário definido de trabalho (Coetzée, 1973, p. 227, tradução nossa).

As faltas precisavam ser comunicadas pelos professores a seus superiores e, conforme o caso, era preciso punir o aluno em público.

Considerações finais

Calvino contribuiu para modificar os padrões culturais do mundo do século XVI, a começar pela religião, a economia e a política, que foram influenciados por uma teologia eminentemente

educativa. Sua *Instituição*, dizia Calvino, era um “compêndio de instrução” para facilitar o entendimento da Palavra de Deus; sua função era, em razão disso, essencialmente pedagógica. Criou a função de professor dentro da Igreja para promover a difusão do saber. Reorganizou o ensino em Genebra, com a fundação da Academia, coroando de êxito suas ações nessa área. Defendeu a aquisição do conhecimento de Deus e do homem, para promover a evangelização do indivíduo de dentro para fora, do espírito para o corpo, do homem para a sociedade. No entender de Calvino, o homem educado no “verdadeiro” ensino da Palavra transforma a si mesmo e ao mundo ao seu redor, além de se voltar para a vida futura sem se esquecer das obrigações neste mundo.

A educação se confunde com a própria teologia de Calvino; sem ela, não pode haver verdadeiro ensino e, portanto, cristianismo. Não negamos que a educação moderna tenha se propagado em outros países fora da esfera de influência do calvinismo, mas afirmamos seguramente que onde o calvinismo se implantou ela encontrou condições propícias para se desenvolver.

O homem “educado”, segundo a proposta de Calvino, colocava a religião, a disciplina e a moral em todos os quadrantes do seu mundo pessoal e social, modificando-o internamente pelo conhecimento de Deus e, conseqüentemente, alterando também suas relações com os outros. Seu comércio, seu trabalho, sua cidadania, tudo pertencia à esfera religiosa; por isso, deveria ser direcionado para a glória de Deus, criador e mantenedor de todas as coisas. O mundo material era o apêndice do mundo espiritual; o corpo humano, a ferramenta utilizada pela alma. Tudo fazia parte de um grande todo, de modo que toda a criação precisava ser compreendida, conhecida e estudada.

Em síntese, é possível, sim, relacionar o Calvinismo com a educação, especialmente a educação escolar, porque educar o homem na verdade das Escrituras era o grande objetivo de Calvino. Ele utilizou escritores pagãos, gregos e latinos em um programa caracteristicamente humanista, no sentido de que valorizou, enquanto teólogo, não somente aquilo que foi revelado por Deus, mas também o que foi produzido pelos homens e para os homens. Possuidor do conhecimento de Deus, o crente precisava retirar de dentro de si esse saber. Para Calvino, educar o homem no ensino cristão era mostrar-lhe sua verdadeira essência espiritual, tal qual a recebera de Deus antes do pecado original.

Em razão das necessidades surgidas na realidade

do século XVI e dependendo dos problemas enfrentados por Calvino e seus seguidores, os calvinistas influenciaram a política e escreveram sobre ela, intervieram na economia, modificaram a cultura e incentivaram a educação em suas comunidades. Nos locais onde o calvinismo se instalou, tornou-se poderoso agente de formação intelectual e de propagação do conhecimento, fato interessante não apenas para a religião, mas também para a organização social como um todo. Na Europa e depois nos Estados Unidos, escolas, colégios e universidades foram criados e reformados, segundo os padrões e os objetivos calvinistas. Calvino queria, antes de tudo, a salvação espiritual do seu rebanho, embora não tenha deixado de se pronunciar, a favor de um mundo, mais justo, equilibrado e feliz. Ao receber em Genebra todos aqueles que eram perseguidos em razão de sua crença, fez com que muitos deles se formassem nos bancos da Academia e retornassem para seus países de origem, disseminando os ensinamentos e as práticas da Igreja de Genebra, centro de irradiação do protestantismo naquele período.

Calvino não foi um educador, mas contribuiu para o ensino na Suíça, Holanda, Inglaterra, Escócia e nos Estados Unidos e, em razão disso, precisa ser mais compreendido e estudado. Sua teologia exigia um grau mínimo de instrução, a tal ponto que uma não poderia existir sem o concurso da outra. Por isso, Calvino incentivou tanto a educação: era ela a base sobre a qual se assentava sua teologia. Modificar a si mesmo e, como consequência, o mundo à sua volta foi a herança deixada por Calvino a todos aqueles que seguiram seus ensinamentos, tendo como ponto inicial a instrução básica distribuída a todos.

Referências

- ABBAGNANO, N.; VISALBERGHI, A. *Historia de la pedagogia*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.
- ARNAUT DE TOLEDO, C.A. A questão da educação na obra de Martinho Lutero. *Acta Sci. Human Soc. Sci.*, Maringá, v. 21, n. 1, p. 129-135, 1999.
- CALVIN, J. *Genevan ecclesiastical ordinances 1541*. disponível em: <<http://libi329.bham.ac.uk/coreRes/reformat/geneva/eccleord.htm>>. Acesso em: 26 mar. 2004.
- CALVINO, J. *As institutas ou tratado [Instituição] da religião cristã*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985. v. 1.
- CALVINO, J. *As institutas ou tratado [Instituição] da religião cristã*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985. v. 2.
- CALVINO, J. *As institutas ou tratado [Instituição] da religião cristã*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989. v. 3.
- CALVINO, J. *As institutas ou tratado [Instituição] da religião cristã*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989. v. 4.
- CAMPOS, H.C. A “filosofia educacional” de Calvino. *Fides Reformata*. São Paulo, v. 5, n. 1, p. 41-56, 2000.
- COETZÉE, J.C. Calvino y el estudio. In: HOOGSTRA, J.T. (Ed.). *Juan Calvino: profeta contemporaneo*. Barcelona: Tarrasa, 1973. p. 199-229.
- COURTHIAL, P. A idade de ouro do Calvinismo na França. In: REID, W.S. (Org.). *Calvino e sua influência no mundo ocidental*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990. p. 87-109.
- DENNY, G.H. Calvin's influence on educational progress. In: *Calvin memorial addresses*. Richmond: Presbyterian Committee of Publication, 1909. p. 147-174.
- EBY, F. *História da educação moderna*. Porto Alegre: Globo, 1976.
- FEBVRE, L. *Erasmus, la contrarreforma y el espíritu moderno*. Ediciones Martinez Roca, 1971.
- FERREIRA, W.C. *Calvino: vida, influência e teologia*. Campinas: Luz Para o Caminho, 1990.
- GAL, R. *História da educação*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- GREGGERSEN, G. *O protestantismo e os valores éticos*. Disponível em: <<http://www.hottops.com/mirand15/gabriele.html>>. Acesso em: 07 dez. 2004.
- GREGGERSEN, G. Perspectivas para a educação cristã em João Calvino. *Fides Reformata*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 61-83, 2003.
- KUYPER, A. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.
- LUTERO, M. Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs. 1524. In: *Martinho Lutero. Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal, 1995. v. 5, p. 302-325.
- MAINKA, P.J. Huldrych Zwingli (1484-1531), o reformador de Zurique – um esboço biográfico. *Human Soc. Sci.*, Maringá, v. 23, n. 1, p. 141-147, 2001.
- McKIM, D.K. (Ed.). *John Calvin*. Cambridge: CUP, 2004.
- SILVESTRE, A. A. *Calvino e resistência ao Estado*. São Paulo: Mackenzie, 2003.
- SINGER, C.G. *John Calvin: his roots and fruits*. Philadelphia: The Presbyterian and Reformed Publishing, 1974.
- SKINNER, Q. *As Fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- VAN TIL, H.R. *El concepto calvinista de la cultura*. Disponível em: <<http://www.visi.com/~contra-m/castellano/libros/concepto/concepto.htm>>. Acesso em: 5 mai. 2004.
- WARFIELD, B.B. *Calvin and Calvinism*. New York: Oxford University Press, 1931.
- WEBER, M. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Received on October 06, 2006.

Accepted on December 15, 2006.